

# As distorções começam nos 1º e 2º graus

JORNAL DA TARDE

1 DEZ 1987

Só há uma solução para evitar o dilema da escolha da profissão: cursar um bom 1º e 2º graus.

Mas esse é um desafio difícil de solucionar. No Brasil, a permanência diária dos alunos nas escolas de 1º grau é inferior a três horas, a repetência é de 50% e o curso é feito em seis anos, dois a mais que o exigido em lei.

O reitor Jorge Nagle, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho — Unesp —, tem consciência dessa situação, faz críticas à reforma educacional de 1971 e pede uma atuação efetiva do Ministério da Educação, responsável pelo ensino de 1º grau no País. As mesmas distorções ocorrem no 2º e 3º graus.

"Profissão: um dilema?" — é realmente um dilema. Não é um dilema tão complicado. O Brasil, nos últimos anos, mudou em todos os aspectos de sua vida — industrialização, população urbana e família. Os setores primário, secundário e terciário praticamente se inverteram nos últimos 15 anos. As consequências dessa transformação ocorreram nos vários setores da vida nacional, incluindo a educação. E, dentro da educação, a questão da profissão.

Não se pode analisar a questão da profissão sem se discutir o 1º e 2º graus. Depois da reforma de 71, não há ainda um perfil adequado da escola de 1º grau. Ela costuma ser uma superposição de escola primária com secundária. Esse problema ainda não foi resolvido e é uma tarefa do Ministério da Educação, responsável pelas regras de ensino de 1º grau no País.

Não há um perfil de escola de 1º grau claramente proposto neste país. Existe uma escola de 2º grau flutuando ao sabor das iniciativas governamentais que não sabem bem o que é imprensada entre uma escola de 1º grau, descaracterizada, e uma de 3º grau, dita superior, provavelmente, na maioria dos casos, sem a cultura superior.

Não acredito que orientação educacional, vocacional e profissional resolverão esse problema. Qualquer modalidade de orientação profissional ou vocacional atenderá uma faixa extremamente pequena da população em condições de arcar com esses custos. Essa orientação que aparece na antevéspera do vestibular não deve resolver muito, ao contrário da que surge desde os passos iniciais da escola de 1º e 2º graus.

O que temos de fazer hoje é melhorar o ensino de 1º e 2º graus. Uma boa formação nesses dois níveis constitui um passo necessário e insubstituível para o momento da escolha profissional na passagem do 2º para o 3º grau.

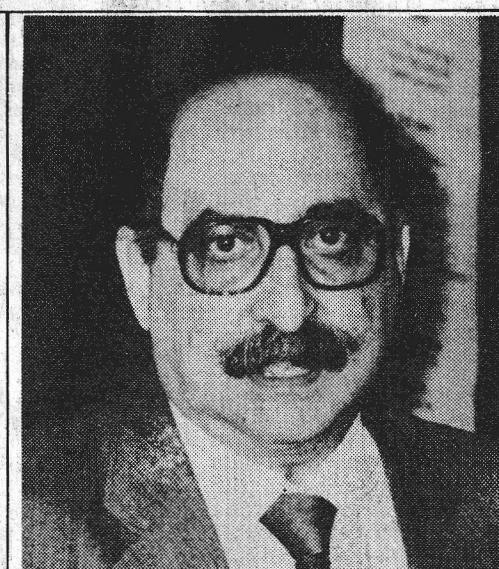
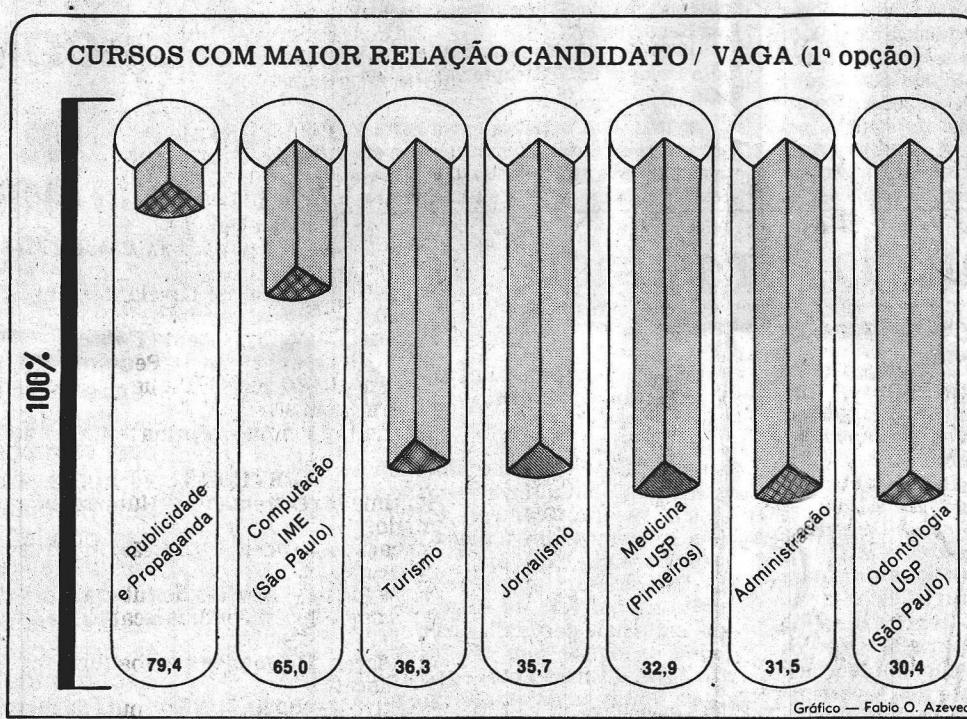
Não costumamos relacionar escolaridade e mercado de trabalho. A expressão mercado de trabalho está-se transformando quase em uma forma de, aparentemente, solucionar o problema da educação. Mas o que é o mercado de trabalho neste país, basicamente no Estado de São Paulo?

Que segurança temos sobre as demandas da estrutura produtiva do Estado de São Paulo para fazer uma ligação imediata, mecânica, entre mercado de trabalho e escolaridade? É necessário que essa interrogação seja feita, para que não pareça que o mercado de trabalho possa resolver o problema do terceiro grau.

Será que a função da escola, particularmente da escola superior, consiste em atender especificamente as demandas do mercado de trabalho e, portanto, da estrutura



Profissão: é nesses bancos que começa o dilema.



Reitor da Unesp, Jorge Nagle defende a revisão dos cursos de 1º e 2º graus e sua melhoria como meios de permitir ao jovem condições de escolher a profissão de sua vida. Ele insiste em vincular a escolha do jovem às necessidades do mercado. E quer informar o estudante.

►► Profissões, um dilema?  
O ESTADO DE S. PAULO  
jornal da tarde  
CENTRO EDITORIAL  
►► OBJETIVO

produtiva? Será que ao lado dessas demandas não existem necessidades sociais? Quem relaciona mercado de trabalho (portanto, futuras profissões) com escolaridade, está fazendo uma suposição que tem de ser adequadamente calibrada.

Estudos que a tradição reforça mostram que a educação é multifuncional. Evidentemente, ela tem de ter uma ligação com as ocupações pesquisadas por determinada estrutura. Este é um dos dados da questão. Mas a equação tem outras funções além dessas. No mundo moderno, é importante o profissional, ou mesmo o estudante, ter flexibilidade para se ajustar às novas situações, sempre em mudança.

É fundamental que a educação desenvolva as características de cada indivíduo. Se a educação é multifuncional, não podemos ligar o sistema escolar e atender, quase que exclusivamente, as demandas do mercado de trabalho.

Dante do número de questões a respeito das profissões neste país, e especialmente no Estado de São Paulo, o melhor a fazer é proporcionar uma escola decente aos alunos de 1º e 2º graus. Os alunos que tiveram uma formação adequada e concluíram o 1º e 2º graus, a questão da escolha da profissão será menos traumática.

Não devemos ser ingênuos a ponto de acreditar que a pessoa faz sua escolha profissional de maneira livre e racional. Há um conjunto de determinações que implicam nesta opção, de natureza familiar à econômico-social. Não existe igualdade de oportunidades quando se trata de escolha da profissão. Todo o esforço deve ser feito para que o jovem faça uma escolha profissional adequada do ponto de vista individual e social.

Se não temos muitos recursos para acertar adequadamente esta questão, só nos resta confiar que uma escola de 1º e 2º graus, resolva, em grande parte, este dilema.

Jorge Nagle, reitor da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Na próxima quinta-feira,  
depoimento de Paulo Renato  
de Costa Souza.